aurora obreira

desde 2010

nº 84

Todas por uma, uma por todas!

anarkio.net

aurora obreira

desde 2010

Barricada Libertária, iniciativa de ação direta para divulgação e propaganda do anarquismo.sem partidos, sem religião, sem Estado.

Barricada

Destruir **Construir**

Libertária

Número 84 - Ano 7 - Março 2018.
Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes, sem opressão e sem exploração.

Redação: Barricada Libertária
Colaboração: Fenikso Nigra, Movimento Anarquista, Danças das Idéias, Associação das Trabalhadoras pela Base, Iniciativa Federalista Anarquista-Brasil
Esta revista foi feita em soft livre: Scribus, Libreoffice, Inkscape, Gimp, OS Mint 17

Contatos:
Barricada Libertária: lobo@riseup.net, barriliber@riseup.net
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net aŭ fenikso@anarkio.net

http://anarkio.net

-Creative Commons: Ĵoj rezervitaj rajtoj
-Atribuo: Vi citu ĉi tion aŭtoron:
Copyleft: Liberacana Barikado (LoBo) - 2018;
-Ne komerce uzo: Vi ne komercu tion verkon!;
-Oni partoprenas kun sama Permeso 3.0 Brazilo:
Por reprodukti, disvatigi, vi uzu egalan permeson;
-Vi vidu kompletan permeson:
http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/
http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/legalcode

EDITORIAL

Mantenha-se na luta, trabalhadoras!

A nossa luta se mantém!

Passou da hora de formarmos um núcleo de sindicalismo livre, saber quem somos e o que queremos.

Quem somos?

Trabalhadoras unidas com um perfil apartidário, de autogestão sindical, de coletivização sindical, federalismo e ação direta.

Pensemos em referências básicas como:

Reajuste salarial baseado no salário mínimo constitucional (não só de cesta básica conforme a metodologia do DIEESE!) ;

Redução da jornada de trabalho para 30 horas semanais;

Fim de qualquer forma de imposto sindical e da profissionalização dos sindicalistas, sindicalismo é meio de luta e não meio de vida;

Desfiliação dos Sindicatos de suas Centrais pelegas e a cosntrução de um sindicalismo livre e independente de fato;

Construir a ação direta de união de todas os ramos de produção, de todas as profissões;

Buscar a isonomia entre as formas contratuais (PJs, MEIs e demais formas de relação empregadas, oprimidas e exploradas);

Distribuição profunda das zonas rurais e urbanas com a coletivização do solo e dos meios de produção.

O primeiro dos pontos já apresentado é sobre o reajuste salarial.

Em um breve levantamento já sabemos que há um distorção entre várias profissões, e com a reforma trabalhista de 2017, isso se acentuará, reestruturando de forma precária as relações empregadícias.

Um importante aprendizado é a construção de uma proposta

que seja endossada e defendida por todas, porque só assim teremos força como uma base sindical séria e unida, e que será respeitado na hora das ações que surgirão.

Mas, devemos deixar claro que nossos objetivos não serão apenas as discussões financeiras ou reajustes anuais, isso já é feito, querendo ou não pela maioria dos sindicatos profissionais/legais/reformistas/pelegos.

Nossa discussão passará pela questão salarial e se aprofundará na questão de como nossas profissões, nossa classe explorada e oprimida, garanta níveis de vida digna, e não a uma ou outra profissão, mas a todas, ou seja, abolição da exploração e opressão social, econômica e política.

Por que não só garantir melhorias a um grupo profissional como fazem os sindicatos oficiais/pelegos?

Porque é uma prática patronal muito comum que devemos denunciar e evitar.

Ao garantir um reajuste salarial a um grupo de profissionais, os patrões e o Estado, argumentam que necessitam de um “reajuste orçamentário” e imediatamente isso é repassado para todas, ou mesmo para as próprias "beneficiadas"!

Um reajuste das funcionárias públicas gera aumento de imposto para a sociedade, por exemplo.

Outro exemplo, o aumento salarial para as pessoas motoristas, acarreta em aumento na tarifa dos transportes. Então, em cada grupo profissional reajustada, a patronal repassa os reajustes à sociedade, como uma forma de compensação, pois evitam mexer em sua margem de lucro, o que para elas é inconcebível!

Como resolver esta questão?

Um forma de atuar é mobilizar todas os grupos profissionais, ramos de produção para evitar este efeito colateral de reajustes compensatórios que as direções patronais e estatais fazem ou ameaçam. Com todos os grupos profissionais e ramos de produção mobilizados, teremos a força para conseguir reajustes gerais de forma uniforme, sem repasses.

Lembremos que vivemos no sistema capitalista e sua principal característica, desde sua formação é o “lucro máximo, custo mínimo” e isso significa pagar o mínimo possível para a mão de obra, para

que ela viva.

Os lucros são os objetivos do capitalismo e este lucro é sempre uma porcentagem alta retirada da produção e comercialização de bens criados com a participação de todas as profissões e ramos de produção, da cadeia produtiva.

Nada mais justo que a redução dos lucros e sua socialização entre todas na cadeia produtiva.

Mas lembremoms que nosso compromisso é abolição da exploração e da opressão. E o fim do lucro é uma forma de exploração clássica do capital que será necessário combater!

Por Associação de Trabalhadoras pela Base

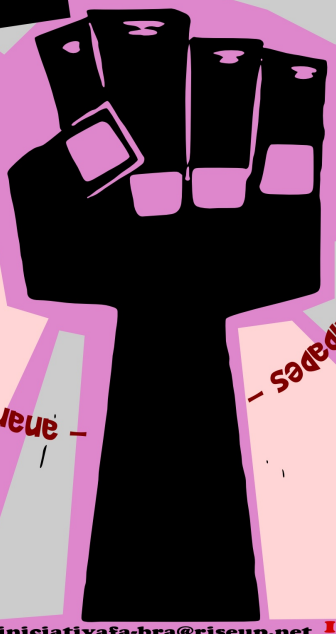
FEDERAÇÃO ANARQUISTA

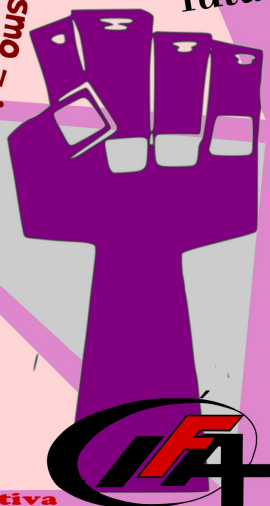
Construir a emancipação através de nossa união!

anarkosindicalismo – anarkocomunismo – anarcoletivismo – individualistas – anarkofeminismo – anarkopunx – anarquia verde – anarkio.net

IFA BRASIL

solidariedade
federalismo
autogestão
igualdade
liberdade
dignidade
luta





COMUNA ANARC@PUNK AURORA NEGRA (SP)

iniciativafa-bra@riseup.net
fenikso@riseup.net
liga-rj@riseup.net
revoltaap@gmail.com

Iniciativa Federalista Anarquista
associada a Internacional de Federações Anarquistas

www.i-f-a.org

todas organizam, todas lutam, todas livres!

8 Março

Greve geral

anarquia - anarchy - anarkio

UMA POR TODAS, TODAS POR UMA!

Associação das Trabalhadoras pela Base
na construção do anarcossindicalismo e da anarquia
hoje, todas unidas em autogestão!

ANARKIO.NET

Congresso de Amsterdam

A questão sindical se viu dramatizada por um grande debate entre Malatesta e Monatte o qual enfatizava a presença de correntes comuns de identificar na opinião anarquista do período. Monatte entendia o sindicalismo revolucionário com um meio e uma finalidade na ação revolucionária. Através dos sindicatos os trabalhadores podiam sustentar suas lutas contra o capitalismo e precipitar seu fim pela greve geral; por isso os sindicatos poderiam passar a ser a estrutura básica da nova sociedade, onde a solidariedade dos trabalhadores encontraria a forma concreta através da organização industrial.

Apesar de sua devoção à causa anarquista, Malatesta tinha uma mente demasiada prática para ignorar a arma que as formas de ação sindical possibilitaria. Mas, insistiu no fato de que o sindicalismo só poderia ser tido em conta como meio, e um meio imperfeito, dado que estava baseado na rígida concepção da sociedade de classes na qual ignorava o fato que os interesses dos trabalhadores variavam tanto que “algumas vezes os trabalhadores se aliam, econômica e moralmente mais próximo da burguesia do que do proletariado”. Devido a isso, a imersão em assuntos sindicais e uma fé simplista na greve geral não somente era irreal, como conduzia os militantes revolucionários a descuidar de outros meios de luta e, em particular, a ignorar o fato que a grande tarefa

revolucionária não consistia em os trabalhadores pararem de trabalhar, mas sim, como Kropotkin dizia, “para eles continuarem trabalhando por sua própria conta”. Os sindicalistas extremistas, sobre o ponto de vista de Malatesta, estavam buscando uma solidariedade econômica no lugar de uma solidariedade moral; colocavam os interesses de uma só classe sobre o verdadeiro ideal anarquista de uma revolução a qual buscará “a libertação completa de toda humanidade, atualmente escravizada, e isso nos três pontos de vista: econômico, político e moral.”1

Ao ouvir esta noite como Malatesta criticava duramente os novos conceitos revolucionários, teve-se a sensação de que estava ouvindo argumentos de um distante passado. A estes novos conceitos, cuja brutal realidade o espanta, Malatesta opôs simplesmente as velhas idéias blanquistas que alimentavam a acariciada ilusão de que era possível revigorizar o mundo mediante uma insurreição armada triunfante.

No mais, os sindicalistas revolucionários presentes está noite foram repreendidos por ter sacrificado em forma deliberada o anarquismo e a revolução para o sindicalismo e a greve geral. Pois bem, quero declarar que nosso anarquismo é tão bom quanto o vosso e que não temos mais intenções que vós mettre nôtre drapeau dans nôtre poche (colocar a bandeira no bolsinho, “enrolar a bandeira e sair”). Como no caso de todos os que estão aqui, a anarquia é nosso objetivo final. Mas posto que os tempos têm mudado, também temos trocado nossa conceito de movimento e de revolução. Está última não pode enganar-se pelo modelo de 1848. No que respeita o sindicalismo, se em alguns países tem dado origem na prática de certos erros e desvios, aqui está a experiência para impedir de repeti-los. Se no lugar de criticar de cima a baixo as deficiências passadas, presentes ou inclusive futuras do sindicalismo, os anarquistas participarem mais intimamente na sua atividade, cairiam conjurados para sempre, os perigos ocultos que o sindicalismo por ventura contenha.2

Monatte se referiu especialmente ao desenvolvimento histórica do movimento socialista da França e mostrou como havia criado o proletariado francês, através das intermináveis recortes dos

partidos socialistas, finalmente, na Confédération Genérale do Travail, uma organização que não só capacitava para impor pela própria força as necessárias melhorias de sua situação, senão também para ter em conta os preparativos para uma transformação socialista da sociedade. Dessa maneira, parecia uma nova tendência independente do socialismo, que não se sentia já ligada aos programas políticos dos partidos socialistas e que oporia a consigna da conquista do poder político a solução da conquista da terra e dos estabelecimentos industriais pelos trabalhadores, pois uma reorganização efetiva da vida econômica só era possível sobre a base de uma associação econômica dos produtores. Mas de tal organização resultavam por si mesmas as forças revolucionárias para transformação da sociedade, que hoje não é realizável imediatamente pelo meio antiquado das batalhas em barricadas dos tempos passados, senão só pela força econômica associada dos produtores, que tinha sua expressão mais elevada na greve geral social. Monatte era portanto de opinião que os anarquistas deviam colocar os sindicatos no ponto de gravidade de sua atividade, para atuar ali à favor da realização de suas idéias.

A exposição de Monatte seguiu uma discussão vivaz, em que interviram os delegados de todos os países representados. Quase todos os oradores se declararam de acordo com a atuação dos companheiros nos sindicatos, o que se fazia praticamente em todos os países. Mas quase todos acentuaram a necessidade de um movimento anarquista independente, pois as idéias do anarquismo transcendiam aos problemas meramente econômicos. Foi em especial, Malatesta quem expressou mais claramente o ponto de vista, manifestando que o anarquismo não era assunto de uma determinada classe, senão um concepção social que abarcava todos os domínios da vida.3

Quero, hoje como ontem, que os anarquistas entrem no movimento operário. Sou, hoje com ontem, um sindicalista, no sentido que sou partidário dos sindicatos. Não peço sindicatos anarquistas que legitimariam, imediatamente, sindicatos social-demócratas, republicanos, realistas ou outros e seriam quanto mais, bons para dividir mais que nunca a classe trabalhadora contra ela

mesma. Não quero inclusive sindicatos chamados “vermelhos”, porque não quero sindicatos chamados “amarelos”. Quero, pelo contrário, sindicatos amplamente abertos a todos os trabalhadores sem distinção de opiniões, sindicatos totalmente “neutros”.

Portanto, sou partidário da participação mais ativa possível no movimento operário. Mas sou antes de tudo, no interesse de nossa propaganda, cujo o campo se faça desta maneira mais ampliado. Somente esta participação não pode equivaler em nada em renuncia as nossa mais caras idéias. O sindicato, devemos continuar sendo anarquistas, em toda força e toda amplitude desse termo. O movimento operário não é para mim senão um meio – o melhor, evidentemente -, de todos os meios que nos são oferecidos. Esse meio, reuso toma-lo como uma finalidade, e inclusive não o quisera mais se nos fizesse perder de vista o conjunto de nossas concepções anarquistas ou, mais simplesmente, nossos meios de propaganda e agitação.

Os sindicalistas, em contra partida, tendem a fazer do meio uma finalidade, em tomar parte por um todo. E é assim como, no espirito de alguns de nossos companheiros, o sindicalismo está desenvolvimento uma doutrina nova e a ameaçar o anarquismo em sua existência.

Sem obstruir, inclusive se faz mais forte com o epiteto bem inútil de revolucionário, o sindicalismo não é nem será jamais senão um movimento legalista e conservador, sem outra finalidade acessível – e se caso!- no melhoramento das condições de trabalho. Não buscaria outra prova senão que as nos são oferecidas pelas grandes uniões estadunidenses. Depois de mostrado um revolucionarismo radical, no tempo em que alguns eram débeis, essas organizações se tornaram organizações, com o tempo em que cresciam em força e riqueza, pesadamente conservadoras, unicamente preocupadas de fazer seus membros privilegiados nas fábricas, das oficinas ou das minas e muito menos hostis ao capitalismo patronal que ao trabalhadores não-organizados, a esse proletariado em farrapos manipulado pela social-democracia. Sem embargo, esse proletariado sempre no auge dos desempregados, que não conta para o sindicalismo, ou melhor, que não conta senão como obstáculo, não

podemos esquece-lo, os anarquistas, e devemos defende-lo porque são os que mais sofrem.

Repito: É preciso que os anarquistas vão as uniões dos trabalhadores. Em primeiro lugar para fazer ali nossa propaganda anarquista; logo porque é o único meio para nós deter a disposição, o dia que desejamos, grupos capazes de tomar nas mãos a direção da produção; devemos entrar nele para reagir energeticamente contra esse estado de espirito aborrecido que inclina os sindicatos a não defender senão os interesses particulares.

O erro fundamental de todos os sindicalistas revolucionários provem, segundo meu entendimento, de uma concepção demasiado simplista da luta de classes. É na concepção segundo a qual os interesses econômicos de todos os trabalhadores - da classe trabalhadora – seriam solidários, a concepção segundo a qual é suficiente os trabalhadores tomem nas mãos a defesa de seus interesses próprios para defender ao mesmo tempo os interesses de todo o proletariado contra a patronal ...

Agora devemos concluir. Lamentava outrora que os companheiros se isolavam do movimento operário. Hoje em dia lamento que muitos de nós, caiam no excesso contrário, se deixem absorver por esse mesmo movimento. Uma vez mais, a organização trabalhadora, a greve geral, a ação direta, o boicote, a sabotagem e a insurreição armada em si mesma, não são todos senão meios. A anarquia é a finalidade. A revolução anarquista que queremos vai muito além que os interesses de uma classe: se propõe a libertação completa da humanidade atualmente avassalada, por tripla formas, do ponto de vista econômico, político e moral. Guardemos-nos portanto de empregar qualquer meio de ação unilateral e simplista: o sindicalismo, meio de ação por excelência, emprega as forças trabalhadoras que põe a nossa disposição e não pode ser nosso único meio. Nada menos deve fazer-nos perde de vista a única finalidade que vale esforço: a Anaquia.4

O Congresso de Amsterdam os anarquistas não votaram unanimamente em adotar táticas anarcosindicalistas. Um amplo grupo apoiou entusiasticamente a Enrico Malatesta, velho veterano de sua causa, quem citou a experiência dos anarquistas na CGT

francesa como prova de que um movimento dos trabalhadores não era veículo satisfatório para revolução, e exortou a voltar a tradicional “propaganda pela palavra e pela ação”.. Malatesta rechaçou o plano da tática, e o ideal, da greve geral, que considerava como “pura utopia”. Malatesta declarou que “ou o trabalhador, morto de fome depois de três dia de greve, regressará a fábrica abaixando a cabeça e colheremos mais uma derrota, ou tratará de obter a posse dos meios dos frutos da produção pela força.

Neste caso, a quem fará frente para detê-los? Os soldados, as polícias, quiça os mesmos burgueses, e então a questão se resolve com balas e bombas. Iniciada a insurreição e a vitória será do mais forte.”

Ao final, o Congresso de Amsterdam votou por uma solução de compromisso que não resolvia o conflito. Sem embargo, é significativo que este grande congresso de anarquistas, o último celebrado em muitas décadas, não se entregará ao anarcosindicalismo.5

Texto traduzido e digitalizado pela união anarquista Fenikso Nigra do livro Antologia do Anarcosindicalismo, Victor Garcia-

1 George Woodcock, Aarchism. Meridian Books. Cleveland, 1962. página 267.

2 Pierre Monatte. Respuesta a Malatesta, Cita Vernon Richards: “Malastesta, life and ideas” Freedom Press, London, 1965, pág. 286.

3Rudolf Rocker. Em la Borrasca. Editorial Tupac, Buenos Aires, 1949, paginas 229/230

4Errico Malatesta. “Syndicalisme” em “ L'Encyclopedie Anarchiste” cit III, 2.706 e 2.707.

5John Connelly Ullman. La Semana Trágica. Ariel, Barcelona, 1972, página 231.

O valor educativo da assembléia

Até aqui temos contemplado a assembléia como instrumento do qual não podem abrir mãos os homens para levar a cabo conjuntamente a organização de suas instituições e o alcançar uma administração mais justa sobre os bens coletivos. Mas a assembléia tem implícita em si uma função que poderíamos qualificar de educadora e que tem sido insuficientemente explorada até hoje, pese os interesses que a dinâmica de grupo tem suscitado nos últimos 30 anos e pese, assim mesmo, os ensinamentos que poderiam extrair de todo o Movimento Libertário e especialmente da CNT que fincou suas raízes na experiência coletivizadora que nos ocupa.

Referindo-nos concretamente ao Movimento Libertário espanhol, ao pouco que o historiador se propunha, descobrirá nele um fenômeno realmente extraordinário, único até o fechamento da história universal do sindicalismo obreiro e muito pouco conhecido à fundo por várias razões: pelas circunstâncias de freqüente clandestinidade em que teve desenvolver-se desde suas primeiras

discussões, pela intoxicação policial de que foi objeto tantas vezes e pelo desdem com que os intelectuais espanhóis em geral tem

contemplado sempre o povo trabalhador, ignorando ou minimizando o alcance de suas realizações no acervo sociocultural.

Consiste esse fato singular no grande número de personalidades relevantes que surgiram de suas filas: pensadores, escritores,

oradores, enciclopedistas, alguns com uma bagagem cultural pouco comum e duplamente meritório por tela adquirida na qualidade de autodidata e de trabalhadores sujeitos a um horário e a dura repressão de que foram objeto com farta freqüência por parte da

patronal e do Estado. Resulta assim mesmo uma impressionante quantidade de revistas, folhetos, periódicos e manifestos que tem

chegado a publicar este movimento desde que iniciou seu caminho nos idos do século passado, sem contar as toneladas de papel impresso que representam a celebração de seus comícios, as atas de seus congressos e conferências, as plenárias em diversos níveis – nacional, regional, comarcal e local – de todas suas federações.

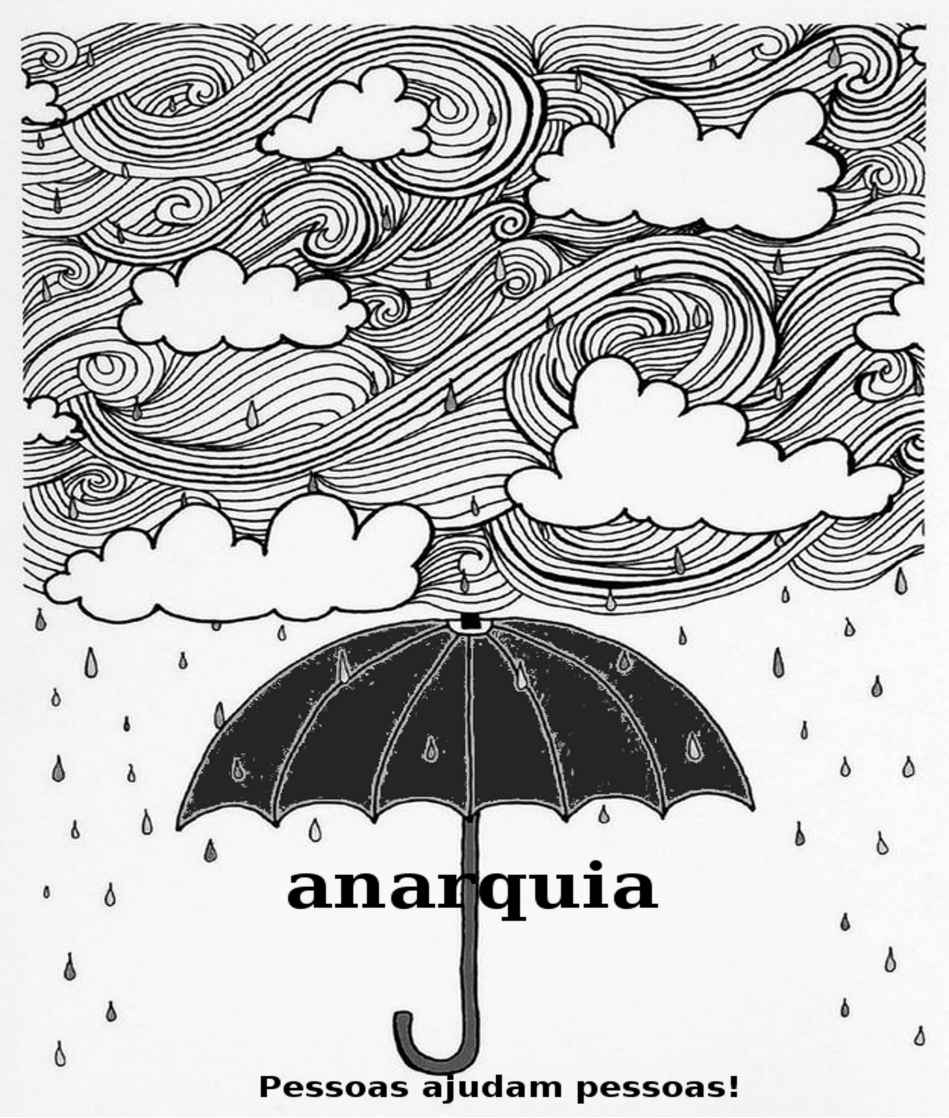
Com grande parte dessa documentação tem-se podido salvar, o historiador que busque nela poderá ter uma idéia aproximada da

magnitude que o dito movimento chegou a alcançar na Espanha através de sua organização sindical. Não obstante, conhecemos muitos de seus militantes dos anos que precederam a nossa última guerra, podemos captar realmente o mérito daqueles trabalhadores, homens simples e humildes que a margem de figuras mais relevantes e prestigiosas do Movimento Libertário, souberam gravar sua mensagem.

Precisamente, era esse tipo de militante que representava a maioria e constituiu, de acordo com a estrutura federal de suas instituições, a base de todo o edifício orgânico; para qual insuflaria seu proverbial dinamismo, não com ostentações de gloria e aplausos como fazem os lideres, sim atuando discretamente e aportando a causa que defendiam no que era realmente positivo para faze-la avançar: sentimentos solidários, uma consciência ética, um sentido profundo da liberdade e capacidade crítica. Eram estes valores que cultivavam por cima de tudo como premissa indispensável em uma organização que descarta a autoridade e nega a obediência a

patentes e mandatos oriundos de uma minoria “capacitada” e “inteligente”, e isso claro está, exigia de todos seus militantes autoconfiança para obedecer aos ditados de sua consciência e discernimento o suficiente para aprender a elaborar os próprios critérios.

Retirado e traduzido do livro Las Colectividades de Aragon, Un vivir autogestionado promesa de futuro. Félix Carrasquer.



Conhece, organiza e emancipa!

outubro

17º EXPRESSÕES ANARQUISTAS

MARILIA/SP

Exposições
Oficinas
Conversas

anarquia - anarchy - anarkio

Convivência
Palestras
Sarau

Evento aberto a todas as interessadas, se organize e participe!

Mais info: expriana@riseup.net

Movimento Anarquista

fórum geral anarquista

2018

iniciativafa-bra@riseup.net
fenikso@riseup.net
liga-rj@riseup.net
revoltaap@gmail.com

IFA BRASIL
FENIKSO NIGRA
LIGA
COMUNA ANARC@PUNK AURORA NEGRA (SP)

Iniciativa Federalista Anarquista
associada a Internacional de Federações Anarquistas
www.i-f-a.org